

III — A FILOSOFIA NO 2º GRAU*

Olinto A. Pegoraro
Professor na UFRJ

INTRODUÇÃO

É com muita satisfação que aceitei o convite do Departamento de Filosofia da PUCAMP para falar sobre “O porquê da Filosofia no 2º Grau”. Trata-se, portanto de levantar as razões, os motivos deste esforço para restituir esta disciplina aos jovens secundaristas. Nos últimos anos, o assunto foi debatido em todo o País. Muitas razões foram invocadas. Nesta noite eu indicarei apenas três que me parecem importantes para o debate: uma razão negativa, uma razão positiva e uma razão global.

1. **Razão negativa.** A filosofia foi marginalizada pelo regime. Foi sutilmente desativada. Ora, como a comunidade política e científica está-se impondo ao regime, convém, por isso mesmo, que a filosofia recupere seu lugar na escola. É impossível confiar em “abertura” até que se desconfia do pensamento, do debate aberto e da pluralidade de idéias.

2. **Razão Positiva.** Queremos o retorno da filosofia ao 2º grau por ser ela muito importante para a formação da consciência crítica no meio dos jovens. Esta consciência precisa ser estimulada desde os primeiros anos de estudo, quando o jovem começa a levantar sérias questões de ordem pessoal, cultural e social. É absurdo relegar a discussão de tais problemas para a época universitária.

3. **Uma razão global.** O mundo contemporâneo, com seus conflitos, crises e promessas nos obriga a pensar em profundidade. Esta crise afeta de modo especial os mais jovens.

Vamos pensar um pouco sobre estas três razões. Começaremos pela terceira à qual dedicaremos menos tempo.

I UMA RAZÃO GLOBAL

A sociedade contemporânea está fazendo a experiência do perigo de colapso do sistema mundial. Desde a crise do petróleo estremecem os precários alicerces da civilização, orientada por suas premissas, ao consumo, ao calculismo, à quantificação e à depredação da natureza. Aparece sempre com maior clareza o caráter **a-ético** do atual regime mundial. Ao mesmo tempo, começa a emergir uma nova articulação da existência humana na qual a ordem econômica, científica e tecnológica será submetida à ordem política a qual, por sua vez, se guiará pela ordem

(*) Palestra proferida na abertura do **Encontro** — 18-5-83.

ética. É este mundo de conflitos que o jovem encontra desde seus primeiros anos de vida e de estudo. Este mundo em decadência e em nova emergência desafia o pensamento de todos, especialmente os dos jovens. Heidegger diz que na crise o pensamento se agiganta e que, na ausência, cresce a Presença.

II – UMA RAZÃO NEGATIVA

a) Depois de 1971 a filosofia foi desaparecendo das escolas. Caiu do elenco das disciplinas obrigatórias para o quadro das optativas e, em seguida, foi proscrita. Dizia-se que o “pensamento abstrato” não faz sentido na era da tecnologia”. Decidiu-se orientar o segundo grau para a profissionalização. Efetivamente, durante todo este período, não houve nem iniciação à reflexão nem à profissão. Este estado de coisas precipitou a decadência do ensino às custas do empobrecimento cultural do aluno. Notadamente os professores de Filosofia ficaram sem desafio e sem campo de ação.

b) Com o surgimento de algumas circunstâncias favoráveis, por volta de 1975, o processo começou a reverter. Com efeito, os cursos de pós-graduação em Filosofia trouxeram um novo alento aos professores e aos alunos. Fundou-se, nesta época, a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF) que desencadeou uma campanha nacional pelo retorno da Filosofia no 2º grau. Foram realizados 5 (cinco) simpósios nacionais. Em todos eles reivindicou-se o retorno da Filosofia nos cursos secundários. Os Departamentos de Filosofia reagiram, em todo o país, com estudos sobre a matéria.

c) Este movimento criou condições para que, em outubro de 1981, se realizasse o I Encontro Nacional de Chefes de Departamento de Filosofia organizado pelo Departamento de Filosofia da UFRJ. Na ocasião foi votado o texto chamado “Documento do Rio de Janeiro” assinado por 29 chefes de Departamento. Entre outras coisas importantes recomenda-se: “que a Filosofia oferecida em nossas universidades seja:

1. Uma Filosofia que faça da problematização radical o seu ponto de partida, desmitificando as verdades eternas, recusando as aparências e buscando suas raízes histórico-sociais;
2. Uma Filosofia que dialogue com os pensadores do passado, tentando inseri-los num contexto histórico-social;
3. Uma Filosofia que dialogue com as ciências, sem deixar de questionar seu papel, seus limites e seus fundamentos;
4. Uma Filosofia que se preocupe em contribuir para que o jovem possa posicionar-se diante das propostas de sua sociedade;

5. Uma Filosofia que procure compreender criticamente a realidade como um todo, a fim de transformá-la, colocando-a a serviço do homem;

d) Em novembro do mesmo ano de 1981 um grupo de professores, reunido em Brasília, reafirmando o texto do Rio de Janeiro, insistiu especificamente sobre a importância da reflexão filosófica sobre as experiências vividas pelos jovens: "A filosofia só possuirá um papel relevante no interior do 2º Grau e para os adolescentes se for capaz de contribuir, graças ao seu acervo de questões e de reflexões, para levar os jovens à problematização de suas experiências e à expressão consciente dessas experiências que são apenas vividas por eles. Isto significa que a Filosofia só auxiliará o trabalho do pensamento se contribui para a expressão verbal (falada e escrita) das experiências adolescentes, rompendo dessa maneira o imediatismo simplificador das imagens (meios de comunicação de massa) e o peso da cristalização das idéias (os estereótipos e os preconceitos)".

e) Finalmente, em outubro de 1982, cerca de trinta chefes de Departamento, reunidos em Goiânia, resolveram apresentar ao Ministério da Educação um documento sobre "a reintrodução da filosofia no 2º grau". Na verdade, em Goiânia fez-se um trabalho de síntese de tudo o que foi feito nos anos anteriores. Aqui a filosofia é apresentada como uma intencionalidade para a verdade, a ética e a liberdade. "A introdução da filosofia no 2º grau justifica-se:

- Pela necessidade de formar o espírito crítico do aluno;
- Pela condição que a Filosofia tem — graças à dupla intencionalidade para o verdadeiro e para o bem — de prepará-lo;
- Para a compreensão do mundo em que vive;
- Para o equacionamento de seus problemas mais prementes;
- Para a disposição a favorecer a convivência humana no espírito de liberdade;
- Para a compreensão crítica da ciência".

No dia 25 de abril de 1983, a Ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, recebeu uma Comissão que lhe entregou o texto de Goiânia. A Ministra acolheu com atenção o resultado de um longo trabalho da comunidade filosófica, e garantiu tudo fazer para que a filosofia fosse recomendada às Secretarias Estaduais de Educação e aos Conselhos de Cultura.

Por isso, o quadro negativo em que se inscrevia a filosofia, está em fase de evolução positiva.

III – UMA RAZÃO POSITIVA

Nos três documentos citados (Rio – Brasília – Goiânia) o ensino da filosofia aparece sempre como forma excelente para ajudar o aluno a formar-se numa consciência crítica do mundo que o cerca.

Esta é a principal e capital razão pela qual a filosofia é reivindicada no 2º grau. A filosofia crítica é uma análise em profundidade da experiência histórica, social, cultural.

Hoje, esta análise não pode prescindir do auxílio da ciência notadamente das ciências humanas. A filosofia articula-se profundamente com as diferentes disciplinas. É, por isso, que não basta simplesmente restituir a filosofia ao segundo grau como disciplina salvadora da reflexão crítica. Quando reivindicamos a filosofia no segundo grau clamamos por uma transformação total da estrutura curricular.

Quando ligamos a filosofia às ciências, sobretudo humanas, não significa que abandonamos a tradição filosófica. Pelo contrário, os grandes mestres do passado são nossos interlocutores no debate dos problemas contemporâneos. São convocados, através da leitura de seus textos, a participar de nossos esforços para articular o sentido da existência histórica contemporânea. Assim a filosofia é a experiência viva do pensar que articula a experiência humana. Numa palavra, a filosofia é a consciência crítica do existir histórico contemporâneo. Esta consciência pretende organizar coerentemente a experiência humana para que as pessoas e a comunidade saibam situar-se, posicionar-se em face dos eventos.

A organização da experiência inclui a busca de um sentimento da existência histórica; cabe também à filosofia analisar o não-sentido das ideologias, da organização das forças negativas que conspiram contra o homem através da exploração, opressão, ditaduras etc. Finalmente a filosofia crítica procura um horizonte global, um **telos** como animação do processo histórico.

É nesta filosofia viva que se iniciam os jovens desde os cursos secundários. Os jovens resistem à transmissão de um pensamento feito e fechado. Importa ajudá-los a pensar filosoficamente a partir de suas próprias experiências, iluminando-as com a luz que vem da tradição e da ciência. Esta é a perspectiva do Documento de Brasília: "A reflexão é um trabalho do pensamento em contacto com experiências variadas: a experiência da cultura (o contacto com as obras culturais passadas e

presentes), a experiência da vida social (a relação dos estudantes com seu cotidiano familiar, escolar, de trabalho, aspirações coletivas etc.), a experiência da política (a relação dos estudantes com a cidadania e com os movimentos sociais), a experiência psicológica (desejos, aspirações, revoltas, projetos de vida em face da sociedade e da política).

A experiência, porém, não é algo que traga imediatamente seu próprio sentido, ao contrário, exige o trabalho do pensamento, a reflexão que a decifre, compreenda e transforme”.

Temos certeza de que a Filosofia, assim entendida, ajudará a transformação do ensino secundário em nosso País e, sobretudo, fornecerá aos jovens abundantes elementos para posicionar-se com segurança em face dos problemas de nossa época. Assim a filosofia passa a ser um discurso vivo, contemporâneo, atraente e indispensável.